

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Raimunda Gomes de Carvalho Belini*

Maria Margarete Fernandes de Sousa**

Resumo: Nesta pesquisa, analisamos o tratamento da variação linguística em um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio e refletimos sobre o direcionamento apresentado pelo livro em relação a essa temática. Para a realização deste estudo, selecionamos como material de observação/investigação a obra *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, de autoria de Faraco, Moura e Maruxo Júnior (2011), destinada ao Ensino Médio. Desenvolvemos um estudo descritivo-documental, com abordagem qualitativa, observando o tratamento dado à variação, às noções de *certo* e *errado* e ao preconceito linguístico. O livro analisado demonstra que, apesar de ainda não estarmos em uma almejada situação de ensino de língua materna, percebemos a preocupação dos autores em incorporar os estudos linguísticos à heterogeneidade e diversidade linguística, fundamentados pela Sociolinguística. Contudo, é importante salientarmos que, sem uma sólida formação acadêmico-científica e um conhecimento adequado da Sociolinguística por parte do professor de Língua Portuguesa, o livro didático sozinho, por mais bem elaborado que seja, não conseguirá resultar em um ensino/aprendizagem de língua materna que respeite a diversidade linguística e o multiculturalismo dos falantes.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Livro Didático.

Abstract: In this research, we analyze the linguistic variation treatment in a Portuguese Language High School textbook and reflect upon the guidance shown by the book in relation to the topic. For this study, we selected as corpus for observation/investigation the work entitled *Língua Portuguesa: linguagem e interação* (Portuguese Language: language and interaction), written by Faraco, Moura and Maruxo Júnior (2011), intended for high school students. We carried out a descriptive study with a qualitative approach, observing the treatment given to the variation, the concepts of *right* and *wrong* and linguistic bias. The analyzed book demonstrates that, despite not being in a desired situation of mother tongue teaching, we realize the concern of the authors to incorporate studies on the basis of heterogeneity and linguistic diversity substantiated by Sociolinguistics. However, it is important to emphasize that without a solid academic-scientific background and adequate knowledge of Sociolinguistics by the Portuguese language teacher, the textbook alone, no matter how well prepared it is, will not result in the teaching/learning of a native language that respects the linguistic diversity and multiculturalism of the speakers.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Textbook.

* Professora do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil, raimundinhagomes@ifpi.edu.br

** Professora Doutora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil, margarete.ufc@gmail.com

Considerações Iniciais

Embora possamos identificar grandes mudanças no ensino de língua materna, com foco no desenvolvimento da competência linguístico-textual e na capacidade de leitura e de produção textual em contextos sócio-históricos, as aulas de Língua Portuguesa ainda precisam rever o tratamento dado aos aspectos variacionistas da língua e seus usos. De um lado, a prescrição do falar *correto*, com base na variedade padrão, dita exemplar. Do outro, a língua considerada *errada* pela gramática normativa, inaceitável, tanto no que diz respeito à escrita quanto à oralidade, por parte de pedagogos, professores, gramáticos, jornalistas etc.

Prova disso foram as alterações que ocorreram, em maio de 2011, relacionadas ao livro *Por uma vida melhor* de autoria de Heloísa Ramos, da Coleção Viver, Aprender, da Editora Global, aprovado pelo Programa Nacional de Livros Didáticos 2012 (BRASIL, 2011b) para o ensino da Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Toda a polêmica entre jornalistas, pedagogos, professores de Língua Portuguesa e membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) foi causada por frases e por orientações apresentadas no livro, como: “Nós pega o peixe” ou “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado” (RAMOS, 2009, p. 15).

Esses enunciados, desarticulados da obra e de conhecimentos sociolinguísticos, estiveram em evidência na imprensa nacional e foram alvo de grandes críticas e muita polêmica. Os órgãos da imprensa nacional mais poderosos dedicaram-se a noticiar e a discutir aspectos do livro, afirmando que Ramos (2009) estaria fazendo apologia ao *erro* de português e desvalorizando a variedade padrão da língua. Toda essa celeuma está vinculada ao fato de que provavelmente as pessoas que a ladearam não apresentam, conforme Possenti (2011), nenhuma formação histórica que lhes permitiriam saber que o certo de agora pode ter sido o errado de antes.

Nas aulas de Língua Portuguesa (LP), ainda podemos observar o ensino da gramática normativa, com base em prescrições de regras da variedade padrão descontextualizada do uso social, desvinculada de seu funcionamento. Não obstante, o ensino da produção textual ainda se reserva, muitas vezes, ao conhecimento de técnicas e manuais, com ênfase na escrita, isolando ou ignorando a oralidade e as diversidades linguísticas. Essas concepções de ensino tangenciam estudos orientados para o funcionamento e para o uso da língua. Trata-se de um conservadorismo que negligencia as contribuições teóricas da Linguística Moderna, sobretudo, dos estudos desenvolvidos a partir das últimas décadas do século XX.

Nem sempre é possível identificarmos as articulações entre a Linguística e as análises dos processos de ensino de LP, talvez devido à especialidade do pesquisador ou à forma como o conhecimento científico ainda é veiculado. Isso reflete na postura do professor que, muitas vezes, alheio às diversas pesquisas na área da linguagem, decide supervalorizar a prática em detrimento da teoria. E pode repercutir na própria sociedade, que em função do desconhecimento deixa-se seduzir e influenciar pelo discurso da imprensa.

Nessa perspectiva, delineamos esta pesquisa, fruto da preocupação em discutirmos como está posto o ensino da língua materna no livro didático (LD) de Língua Portuguesa em relação às contribuições sociolinguísticas. Objetivamos com isso analisar o tratamento da variação linguística em LD de Língua Portuguesa do Ensino Médio e conduzir a uma reflexão sobre o direcionamento dado à variação linguística, descrevendo as noções de *certo* e de *errado*, de mudança linguística e preconceito linguístico, relacionados à obra.

Para a realização deste estudo documental, elegemos como fonte de análise os três volumes do livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, editado e publicado em 2011, de autoria de Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior, direcionados ao Ensino Médio. A escolha não se deu de forma aleatória, pois consideramos que, dentre as 11 (onze) coleções resenhadas pelo Guia de Livro Didático (BRASIL, 2011a), esse livro é o único que apresenta excelentes recomendações pelo guia, no que diz respeito ao tratamento da oralidade.

O GLD ressalta que as atividades propostas na obra “oferecem uma abordagem pertinente dos fatos e das categorias gramaticais, na medida em que as exploram sob a ótica de seu funcionamento comunicativo em experiências textuais e discursivas autênticas” (BRASIL, 2011a, p. 30). Sendo assim, ensejamos também conhecer a concepção de funcionamento que esse livro traz e que se encontra em evidência pelo guia, pois entendemos que não pode haver demonstração de funcionamento autêntico da língua, sem que consideremos o contexto e o uso da diversidade linguística.

No livro, também merece destaque “a sistematização de procedimentos de fala e de escuta atenta, com sugestão de tomadas de notas, o que contribui para o desenvolvimento da competência do aluno no exercício da oralidade” (BRASIL, 2011a, p. 30). Em um livro didático, o trabalho com a oralidade é um fator bastante positivo, pois o ensino da oralidade e de seu uso é limitado nas escolas, em consequência das poucas indicações metodológicas e didáticas e de lacunas apresentadas na formação dos professores. Há quem diga que o aluno não frequenta a escola para aprender a falar; isso ele aprende em casa, no seio familiar e na

convivência social. Sendo assim, o livro se mostrou ideal como fonte de análise que, ao trazer uma abordagem sobre a oralidade, motivou-nos a estabelecer a hipótese de que a obra analisada poderá apresentar um direcionamento adequado às variações linguísticas.

Nesta pesquisa, enfocamos o livro do professor, em que procuramos observar também os diálogos, as orientações e as recomendações destinadas aos docentes em relação às variações linguísticas, na tentativa de alcançarmos os objetivos a que nos propusemos. Selecionada a obra, desenvolvemos um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, a partir da análise do tratamento da heterogeneidade linguística, das noções de *certo* e “*errado*” e do preconceito linguístico. Para tanto, principiamos uma leitura prévia dos três volumes constituintes da coleção *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, seguida de uma leitura minuciosa, que originou os recortes necessários para as análises, com base nos quais identificamos as seções referentes à exploração da temática.

Para tanto, optamos por apresentar as análises de cada volume separadamente, com recortes de trechos originais da obra, retirados das páginas dos livros, os quais foram colocados em destaque por meio de boxes de textos para uma maior visualização. Focalizamos, portanto, as seções dos livros relacionadas à exploração do tema que pudessem responder aos objetivos propostos para esta pesquisa. No entanto, frente à delimitação que exige uma investigação científica, não foi possível e nem foi nossa pretensão abordarmos todas as seções do livro relacionadas às variações linguísticas.

Estudos das variações linguísticas no livro didático são desenvolvidos na tentativa de contribuir para encaminhamentos que favoreçam ao aprendiz produzir e ler textos nos mais variados contextos de sua vida pública e privada, utilizando-se das mais diversas linguagens. Acreditamos que pesquisas como esta poderão contribuir para novos enfoques relacionados ao ensino da língua materna e aos conteúdos dos livros didáticos, que procurem respeitar a heterogeneidade linguística e os diversos falares que os usuários da língua portuguesa apresentam. Novos olhares que se lancem sobre o uso da língua em sala de aula poderão subsidiar formas de respeito às diversidades linguísticas existentes entre as pessoas de idade diferentes, de menor grau de escolarização, das diversas regiões, dentre outros aspectos demarcados pela língua em funcionamento.

As variações linguísticas no Livro Didático de Língua Portuguesa

Há alguns anos no Brasil, conforme nos lembra Coelho (2007, p. 1), “a variação linguística não existia como objeto de ensino para a maioria dos professores de português”,

realidade ainda coexistente no cenário educacional de nosso país. Embora possamos identificar um crescente e significativo número de estudiosos brasileiros voltados para as pesquisas na área da Sociolinguística como Bortoni-Ricardo, Bagno, Possenti, Tarallo, Monteiro, Dionísio, Aragão, Costa, Lopes, dentre outros, esses conhecimentos ainda não foram incorporados de fato às aulas de língua materna pelo professor e pelo livro didático, especialmente, no que diz respeito às variações linguísticas.

Concordamos com Coan e Freitag (2010, p. 1) ao afirmarem que, “apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, as implicações decorrentes da correlação entre heterogeneidade linguística e ensino de Língua Portuguesa estão ainda longe de se esgotar”. E ressaltamos que esse fator não é decorrente da não divulgação dos trabalhos nessa área, como afirmou Vieira (2009). Eventos científicos de Linguística, com repercussão nacional e internacional, ocorrem todos os anos no cenário brasileiro. No ano de 2010, foi realizado o I Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (CIDS), que já se encontra em sua terceira edição, com participação de grandes e importantes estudiosos da Sociolinguística e da Dialetoлогия. Periódicos científicos impressos e *on line* com acesso gratuito são divulgadores e colaboradores efetivos das pesquisas nas diversas áreas. Somamos a isso os estudos de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado nas muitas instituições de ensino que mantêm seus bancos de teses com livre acesso na *internet* e que vêm contribuindo amplamente com grandes e novas abordagens sobre o ensino de língua materna.

Contudo, mais de cinquenta anos de existência das pesquisas Sociolinguísticas de Labov sobre as relações entre linguagem e classe social com a descrição das variações linguísticas numa mesma comunidade de fala e ainda não percebemos claramente uma grande equivalência entre pressupostos teóricos sociolinguísticos desenvolvidos na academia e práticas de ensino de língua materna exercidas na sala de aula.

Mesmo com as orientações de documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que vem tentando há mais de 15 anos buscar uma adequação do ensino da gramática normativa aos estudos linguísticos, ainda percebemos um distanciamento entre a prescrição e a descrição linguística (BRASIL, 1999), embora com alguns ensaios dessa adequação como demonstraremos neste estudo.

Os PCN ressaltam que o problema do preconceito linguístico, concernente aos diferentes modos de falar, pode e deve ser constantemente combatido na escola, como parte do objetivo educacional que prima por uma formação que realmente respeite as diferenças. Nesse sentido, desenvolvemos esta pesquisa por compreendermos que a escola deve se

apropriar dos constructos teóricos relacionados à língua e à sociedade, reiterando a heterogeneidade da língua, seja na modalidade escrita seja na modalidade oral.

A escola precisa ter ciência de que, conforme ressaltam Coan e Freitag (2010, p. 4), “quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal interpretado”, pois não se trata de impor a diversidade linguística no ambiente escolar, mas procurarmos entender o “uso da língua, no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística”, sobre o sujeito que carrega consigo todos os multilinguismos e sobre como ocorre as relações entre a língua e seu funcionamento.

Entendemos que, reconhecendo a variação como característica imanente a toda e a qualquer língua, a escola não pode se eximir de mostrar ao aluno o que são, por que ocorrem e como ocorrem as variações de uma língua. Tarallo (1985, p. 8) define variação linguística como duas ou mais formas de dizermos a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. É evidente que fatores de diversidade linguística não ficam restritos apenas ao tempo e ao espaço, por isso corroboramos com a afirmação de Monteiro (2000) de que a heterogeneidade se explica também pelo condicionamento linguístico da sociedade, pelo condicionamento social da língua, e, não poderia deixar de ser, pela função social que a língua exerce.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a variação faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que esses grupos mantêm com as normas linguísticas. A heterogeneidade, dentro de um vasto e diversificado país como o Brasil, é um fato natural e inevitável, ignorado muitas vezes pela escola, pelo professor e pelo próprio livro didático.

Os professores ainda limitam o ensino de Língua Portuguesa às aulas da gramática normativa, cuja função é corrigir o português considerado *errado*, ensinando nomenclatura gramatical e análise gramatical, sem contextualização, utilidade e compreensão prática. Ressaltamos que muitas vezes os aspectos que recebem menos atenção nas propostas de ensino de língua materna são aqueles ligados à heterogeneidade linguística.

Em relação a essa problemática, Possenti (1996, p. 17), há aproximadamente duas décadas, já nos levava a refletir sobre o porquê de (não) ensinar gramática na escola, adotando, nas palavras do autor, “o princípio (quase evidente) de que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido”. No entanto, não podemos considerar o ensino da gramática normativa um

modelador da língua, pois, como enfatiza Gnerre (1998), não devemos ignorar o seu caráter de incompletude.

A gramática normativa é um código incompleto que, como tal, abre espaço para a arbitrariedade de um jogo já marcado: ganha quem de saída dispõe dos instrumentos para ganhar. Temos assim pelo menos dois níveis de discriminação linguística: o dito ou explícito e o não dito ou implícito. (GNERRE, 1998, p. 31).

Nesse duelo marcante, observamos a escola como um *locus* de prestígio social que estabelece uma distância entre grupos e contribui para a discriminação linguística, partindo de conceitos que excluem a classe de menor prestígio social, ao ver a língua como um objeto de poder. Lembremos que quem não domina a variedade padrão da língua passa a sofrer severas punições; é discriminado no sentido mais amplo e profundo do termo.

Não discordamos do fato de que a escola, em seu cerne, precisa e deve ensinar a variedade padrão da língua. E nem essa tem sido a tese defendida por sociolinguistas, porém não podemos criar estigmas nem preconceitos em relação aos diversos usos linguísticos. Santos Sobrinha e Mesquita Filho (2011, p. 5) afirmam que o professor “deve contribuir significativamente para que o aluno amplie sua competência no uso oral e escrito através da leitura, da produção de relatórios, resumos, artigos, poemas, crônicas, por exemplo”. No entanto, associado a isso devemos reconhecer a legitimidade das variações linguísticas e não podemos ignorar e nem discriminar o educando, na sua construção e no seu conhecimento da língua.

A escola, enquanto instituição de ensino e formação, não pode se esquecer de que uma língua não é estaque e nem homogênea. E deve levar o educando a compreender que a língua portuguesa varia de acordo com diversos fatores como *status* social, sexo, grau de instrução, profissão, estilo pessoal, contexto (formal/informal), região, entre outros. O caráter heterogêneo da língua precisa ser incorporado às aulas de LP, o que justifica a relevância de análises sociolinguísticas de livros didáticos.

Língua Portuguesa: linguagem e interação sob o olhar da Sociolinguística

O livro sugere em seu título *Língua Portuguesa: linguagem e interação* uma concepção de linguagem baseada no sociointeracionismo, que entende a língua como um espaço de interação social e não apenas como representação do pensamento ou um mero instrumento de comunicação. Está dividido em três volumes, com quatro unidades temáticas

em cada volume. As unidades apresentam três capítulos, totalizando 12 capítulos, que incluem, de forma articulada, gêneros textuais e temas pertinentes à literatura, à produção textual e aos estudos linguísticos. Em cada unidade, existem seções fixas que contemplam eixos de leitura, oralidade, escrita, conhecimentos linguísticos e literários, sem haver a separação entre os capítulos de estudos de linguagem, de produção textual e de literatura, como observamos em diversos livros de Língua Portuguesa do EM.

Segundo o Guia de Livros Didáticos 2012 (BRASIL, 2011a, p. 27), a obra, organizada nos moldes de manual, “investe em atividades que contribuem para o desenvolvimento das capacidades de uso da língua, com significativas oportunidades de construção das relações entre língua e literatura e de reflexão sobre as funções socioculturais dos textos”.

Na avaliação do Ministério da Educação (MEC), através do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), o livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação* apresenta excelentes qualitativos. De acordo com o GLD 2012 (BRASIL, 2011a, p. 27), dentre outros aspectos referenciados, o manual “colabora efetivamente para o desenvolvimento da linguagem oral do aluno, por explorar gêneros textuais orais adequados a situações comunicativas diversificadas”. E ressalta que relações entre fala e escrita, bem como efeitos de sentido determinados pelo uso de recursos da língua são explorados em diálogos orais, escritos e em entrevistas.

O livro analisado apresenta aspectos positivos no que diz respeito ao tratamento das variações linguísticas, principalmente, por também focar questões relacionadas à oralidade. No entanto, é importante esclarecermos que, ao examinar os três volumes separadamente, observamos que os livros 01 e 02, voltados para a 1ª série e 2ª série do EM, não apresentam capítulos específicos sobre a temática; enfocando de forma limitada, através de um número pouco significativo de comentários e exercícios. Já o livro 03, destinado à 3ª série, apresenta uma abordagem mais ampla, com maior profundidade do que os outros dois volumes. Isso demonstra que os autores priorizam o conhecimento das variações linguísticas apenas no final do Ensino Médio, o que não é legítimo/coerente, já que a diversidade linguística é um fato concreto, que *nasce* com o indivíduo e precisa ser compreendida em todos os níveis de ensino, especialmente, da Educação Básica.

Mesmo que os autores Faraco, Moura e Maruxo Júnior (2011, p. 03), na página de apresentação dos livros 01, 02 e 03 (o mesmo texto nos três volumes), afirmem entender que, a partir da diversidade linguística “o aluno poderá compreender as muitas relações que há entre a linguagem que ele utiliza na comunicação do dia a dia e aquela que deve empregar nas

situações mais formais”, não abordam essa temática com base nos vários níveis de linguagem, reservando-se especialmente ao tratamento da formalidade e da informalidade em textos orais e escritos, como entrevistas, anedotas, palestras, seminários, notícias, artigos de opinião etc.

Consideramos, porém, que, mesmo diante da abordagem limitada do tema, os autores valorizam, em todos os volumes da obra, a reflexão sobre a língua em uso e apresentam, ainda que seja com destaques diferenciados, discussões sobre as diversidades linguísticas, a organização da escrita e sobre as relações entre fala e escrita na comunicação.

O direcionamento dado às variações linguísticas ocorre por meio de exercícios relacionados à interpretação do texto; através de explicitação e de exemplificação da linguagem informal; e com o uso de estudos de gramática, constituindo-se essa última, embora insuficientemente explorado, um aspecto bastante inovador em livros didáticos de língua materna, ao tratar do uso dos pronomes pessoais em situações de falas cotidianas, conforme destacaremos nas análises que seguem. Cada volume da obra traz um número de páginas bastante distinto dedicado às variações linguísticas. Dos três, o que mais se propõe à exploração da temática é o volume 03, enquanto os volumes 01 e 02 pouco abordam essa problemática.

Defendemos a ideia de que as aulas de ensino de Língua Portuguesa no EM, independente da série, devem oportunizar de forma igualitária, em termos de conteúdos e conhecimentos, uma aprendizagem condizente com os princípios sociolinguísticos. Bortoni-Ricardo (2005, p 19) alerta para o fato de que

no Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo educacional. A ciência linguística vem, timidamente, apontando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando.

No processo educacional, precisamos compreender que é no seio da sociedade e da cultura, por meio da linguagem, com suas particularidades e afinidades, que as falas fluem, que a interação entre os indivíduos ocorre. Linguagem, cultura e sociedade estão ligadas entre si por laços indissolúveis. Todos nós temos uma linguagem, fazemos parte de uma sociedade e temos uma cultura marcada pela história de nossas vidas. Esse princípio de indissociabilidade entre língua, cultura e sociedade não pode ser tangenciado pela escola.


Com base na importância desse princípio de indissociabilidade, devemos ressaltar que, na obra de Faraco, Moura e Maruxo Júnior (2011), há uma preservação desse princípio. Os autores procuram mostrar, ainda que de forma incipiente, a relação entre cultura, linguagem e

sociedade por meio da dinamicidade e da variação linguística, conforme explicitaremos nas análises a seguir.

Língua Portuguesa: linguagem e interação, Volume 1

No Volume 01 da obra, observamos o maior destaque ao tratamento das variações linguísticas, no Capítulo 07, dedicado a abordar *O relato de viagem*, na *Seção Linguagem Oral*, página 210. Isso demonstra que há uma desconsideração em focar a variação no início do livro, o que seria essencial para entendimentos prévios sobre a diferença entre a variedade padrão explorada no livro e as diversidades linguísticas através das quais os alunos interagem e mantêm suas relações sociais.

Identificamos, nessa seção do livro, a preocupação dos autores em explorar a adequação linguística em situações de comunicação pública por meio de um exercício. Contudo, não há o interesse de demonstrar as diversidades linguísticas, mas a principal intenção é a de caracterizar a exposição oral em público, por meio dos recursos de fala, conforme podemos perceber.



1 Observe atentamente estas imagens:

a) Você seria capaz de dizer em que situações comunicativas ocorre uma exposição oral?

b) Pense em outras situações nas quais você imagina também ser possível ocorrer uma exposição oral. Registre-as em seu caderno.

c) Nas imagens observadas, além da própria fala, de que outros recursos comunicativos se vale o **expositor** para comunicar-se oralmente?

d) Desses recursos quais não são utilizados em uma comunicação oral cotidiana e informal, como uma conversa entre amigos?

Professor(a): as conclusões devem ser registradas à medida em que forem formuladas, num suporte em que possa ser retomado (nos capítulos seguintes, será necessário rever as conclusões elaboradas aqui). Lembramos que o trabalho se desenvolve em duas frentes, com os alunos na condição de expositores e na condição de ouvintes. Assim, uns poderão ajudar os outros a melhorar seu desempenho oral global.

e) Nas imagens anteriores, há graus diferentes de **formalidade**. Indique em seu caderno a situação que lhe pareça mais formal e a que lhe pareça mais informal.

Imagem 1: Livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação*
Fonte: (FARACO; MOURA; MARUXO JUNIOR, 2011, v. 1, p. 210).

Nessa parte do livro, fica clara a intenção dos autores em demonstrar os graus de formalidade, com ênfase nos recursos orais em situações não cotidianas e formais. É importante atentarmos para o fato de que, nessa seção, não há um enfoque que perpassa a compreensão do que venham a ser variações linguísticas e quais fatores contribuem para essas variações. Contudo, os autores alertam o professor de que a exploração dos graus de formalidade é necessária para que os alunos compreendam as outras atividades referentes ao conhecimento da língua que serão estudadas em capítulos posteriores.

Ao examinarmos a proposta, constatamos a formalidade e a informalidade da língua em cada um dos contextos apresentados, o que possibilitará ao aluno refletir sobre a aplicabilidade linguística em cada um desses usos. No entanto, exercícios como esses não são suficientes para fazer o aluno compreender as diversidades linguísticas e adequar os usos nas várias e inúmeras situações a que poderão estar submetidos.

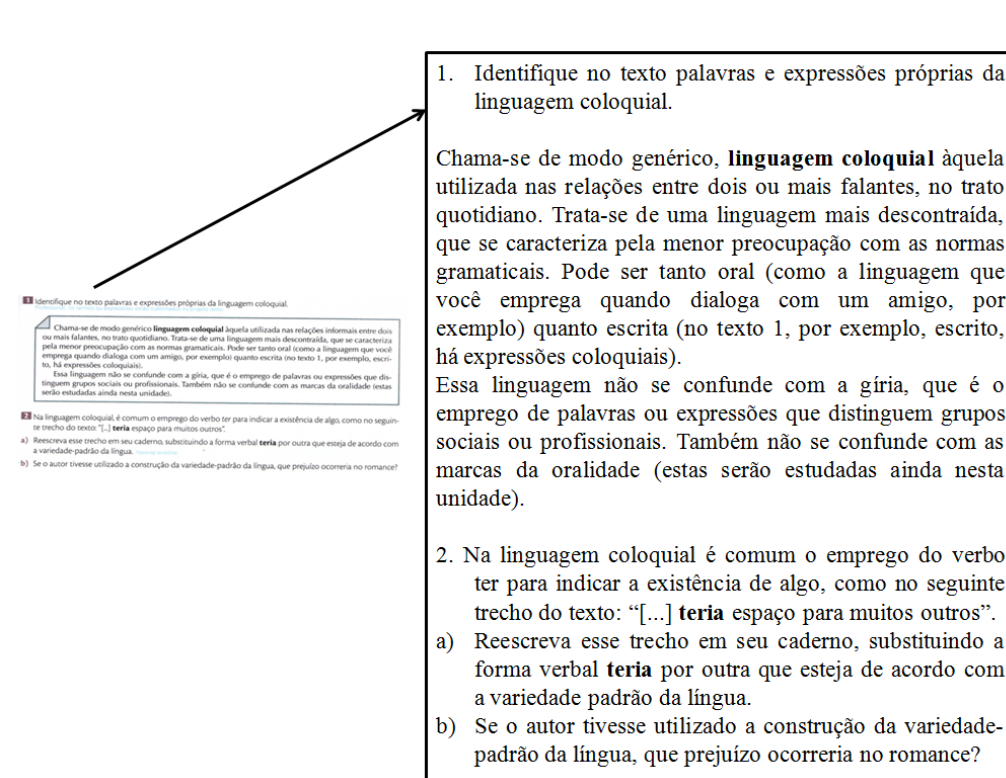
Cabe evidenciarmos que não há em todo Volume 01 um enfoque dado aos diferentes níveis de linguagem, com base em sua origem social, histórica, cultural e regional. As questões referentes ao tema dizem respeito a atividades de reescritura textual, de demonstração dos níveis de formalidade, de explicitação e explicação das diferenças entre a variedade padrão e a variedade não padrão, com direcionamento a partir da oralidade, da fala. Todavia, esse aspecto da obra pode demonstrar, mesmo que incipiente, um avanço em relação ao tratamento da variação linguística, se considerarmos que há mais de dez anos, como ressaltou Batista (2003, p. 20),

a prioridade para a norma e a forma também é vista nos trabalhos de reflexão sobre a língua, pautados na gramática normativa e baseados nas formas cultas da língua padrão, nunca explorando diferentes variedades sociais ou geográficas da língua efetivamente em uso.

Sendo assim, não podemos nos arredar dos ensinamentos sociolinguísticos, que, segundo Bortoni-Ricardo (2005), são importantes para o ensino nas aulas de português. Devemos procurar mostrar a dinamicidade à qual a Língua Portuguesa está exposta e desmistificar a ideia de que a língua padrão é a única forma *correta* de pensar e praticar o ensino/aprendizagem da língua materna.

Língua Portuguesa: linguagem e interação, Volume 2

No Volume 2 da obra, uma característica bastante marcante reflete-se em alguns exercícios, em que é solicitada ao estudante a reescritura de frases e trechos que não se encontram de acordo com a variedade padrão. Destacamos que atividades de reescritura são bastante comuns em LD de Língua Portuguesa. A maioria dos livros costuma solicitar que o educando identifique frases e expressões da linguagem informal e transcreva-as, passando para a linguagem formal.



1. Identifique no texto palavras e expressões próprias da linguagem coloquial.

Chama-se de modo genérico, **linguagem coloquial** àquela utilizada nas relações entre dois ou mais falantes, no trato cotidiano. Trata-se de uma linguagem mais descontraída, que se caracteriza pela menor preocupação com as normas gramaticais. Pode ser tanto oral (como a linguagem que você emprega quando dialoga com um amigo, por exemplo) quanto escrita (no texto 1, por exemplo, escrito, há expressões coloquiais).

Essa linguagem não se confunde com a gíria, que é o emprego de palavras ou expressões que distinguem grupos sociais ou profissionais. Também não se confunde com as marcas da oralidade (estas serão estudadas ainda nesta unidade).

2. Na linguagem coloquial é comum o emprego do verbo *ter* para indicar a existência de algo, como no seguinte trecho do texto: “[...] **teria** espaço para muitos outros”.

a) Reescreva esse trecho em seu caderno, substituindo a forma verbal **teria** por outra que esteja de acordo com a variedade padrão da língua.

b) Se o autor tivesse utilizado a construção da variedade-padrão da língua, que prejuízo ocorreria no romance?

Imagem 2: Livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação*
Fonte: (FARACO; MOURA; MARUXO JUNIOR, 2011, v. 2, p. 19).

Ainda que essa atividade permita ao educando a observação das alterações relacionadas às variedades padrão e não padrão da língua, o LD precisa desenvolver atividades de reescrituras acompanhadas de reflexões sistematizadas sobre essa problemática. Essas reflexões poderão contribuir para que o aluno perceba que ele precisa valorizar e respeitar a sua própria língua, adquirida no meio familiar, empregada no convívio diário; mas também ele precisa aprender a variedade padrão, tão cobrada nos exames vestibulares, concursos públicos e em situações formais.

Dionísio (2005, p. 82) afirma que a atividade de reescritura “parece ser a mais solicitada quando o assunto é variação linguística ou apenas quando o texto traz ocorrências de variação”. Na maioria das vezes, o aluno é solicitado a reescrever, com correção para a variedade padrão, palavras ou expressões muitas vezes próprias de seu dialeto, apreendidas no meio familiar, regional, cotidiano. No entanto, relembramos que a reescritura não assegura a incorporação das normas da língua padrão por parte do falante de língua materna. E, quando mal orientada, pode fazer com que o educando crie preconceitos contra a sua própria variação, sinta-se inferiorizado ou, a exemplo de situações expostas em sala de aula pelo professor, passe a fazer comentários sobre as falas de pessoas próximas, afirmando que “não é assim que se fala tal palavra”.

Segundo Silva (2005), o saber sobre a língua deve surgir aos poucos pela sistematização não apenas da gramática, mas da concomitância com as diversas linguagens vigentes, quer orais, gestuais, corporais, literárias, cotidianas, regionais. Esse saber sobre a língua deve ocorrer com base em um aprimoramento da língua materna em toda a sua amplitude e a sua gama de variação possível e potencial.

Ressaltamos que um ponto bastante positivo, neste estudo, refere-se ao fato de não identificarmos, na obra analisada, as palavras *correto* e *errado* para descrever a variedade padrão e a não padrão, nem emitir julgamentos em relação ao uso que o falante faz da língua, como podemos constatar na página 187 do Volume 2 da obra. Além disso, os autores procuram revelar ao professor uma concepção de língua dinâmica, mutável, que sofre modificações de acordo com os usos.

2. Nas frases que seguem, foram utilizados verbos abundantes no particípio. Reescreva-as no caderno, escolhendo o particípio (regular ou irregular) adequado de acordo com a variedade padrão.

[...]

Professor(a), depois da pesquisa, explique aos alunos, com base nas conclusões deles, que há princípios regulares e irregulares que estão em franco desuso, porque os usuários começam a fixar uma única forma. Vocês podem, conjuntamente, elaborar uma lista dos verbos que apresentam essa tendência a fixar um ou outro particípio. Aproveite para refletir com os alunos sobre o fato de que é o uso que determina as normas e que a variedade padrão não é imutável, e sim cede pouco a pouco às práticas dos usuários da língua. Alguns exemplos de particípio em desuso: *ganhado, gastado, pagado, pegado*; formas preferidas: *ganho, gasto, pago, pego*.

[...]

3.e) Respondam: que particípio são mais usados em desacordo com a variedade padrão? Procurem formular uma hipótese para o uso/desuso de alguns participios.

Quando observamos em um LD a preocupação em não utilizar expressões como *certo* e *errado*, mas *adequado* e *inadequado* ou *de acordo* ou em *desacordo*, como podemos constatar no livro analisado, isso nos dá a ideia de que há, utilizando das palavras de Silva (2005, p. 81), uma “arejada aceitação dos postulados da sociolinguística e das teorias sobre práticas do discurso, que se refletem na substituição dos qualificadores tradicionais por outros menos coercitivos”.

Em outras palavras, implica em um ensino de gramática preocupado em romper com o preconceito linguístico, com vistas a aceitar a língua do falante e a adequá-la às normas de uso diversificado. Manifestada de várias formas, essa crença na superioridade de determinados comportamentos linguísticos centra-se na origem da própria sociedade brasileira e sua híbrida formação étnico-cultural e se faz presente “nas profundas distinções socioeconômicas que nos caracterizam; na diversidade geográfica nacional, com suas cores locais e dialetos; na presença de estrangeirismos, como marcas da globalização, enfim, está por toda parte” (OLIVEIRA, 2008, p. 117).

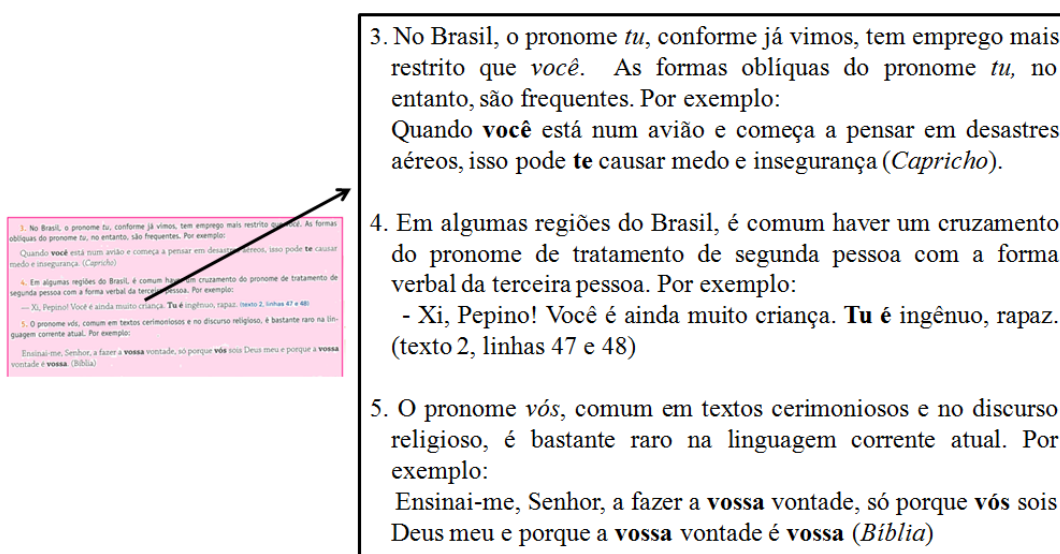
Ao falar de *certo* e de *errado* na língua, compreendemos uma ingenuidade no trato. Afinal, qual é o *certo* e o *errado* quando está em jogo a construção de sentidos? As discussões entre gramáticos e linguistas sobre a noção de *erro* não é algo novo, fazendo-se necessária a compreensão da noção de *desvio* e de *variação*.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a sociedade valoriza o uso da chamada norma culta; tanto o erudito quanto o trabalhador braçal, todos admiram o *falar bem* dos que se comunicam mediante a variedade de prestígio do Português, cujas normas estão prescritas na gramática. É interessante constatar que, nas sociedades modernas, como afirma Bortoni-Ricardo (2005), os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada *correta*, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros de natureza ética, moral e estética.

É importante que a escola, os professores e o livro didático reconheçam a existência das variedades linguísticas no ensino da Língua Portuguesa e revelem ao aluno a necessidade desse reconhecimento, tendo em vista que um mesmo indivíduo pode se apropriar de diferentes usos da língua, dependendo da situação, de quem é seu interlocutor e de suas intenções. A partir dessa ótica, o contexto em que a linguagem ocorre é essencial, pois resulta de uma prática sócio-histórica e ideológica; é um modo de vida social, constituído pela interação. Dessa forma, ensinar gramática por gramática leva a um esvaziamento do ensino de língua materna e não a um melhor desempenho linguístico do falante.

Língua Portuguesa: linguagem e interação, Volume 3

No Volume 3 da obra analisada, não identificamos seções específicas relacionadas ao tratamento da variação linguística. Porém, sob um olhar sociolinguístico, constatamos pontos importantes relacionados ao emprego dos pronomes pessoais, o que nos leva a afirmar que não há, nessa parte da obra, o ensino da gramática pela gramática, a prescrição de normas para o falar com base na variedade padrão, conforme podemos verificar:



3. No Brasil, o pronome *tu*, conforme já vimos, tem emprego mais restrito que *ocê*. As formas oblíquas do pronome *tu*, no entanto, são frequentes. Por exemplo:
Quando **você** está num avião e começa a pensar em desastres aéreos, isso pode **te** causar medo e insegurança (*Capricho*).

4. Em algumas regiões do Brasil, é comum haver um cruzamento do pronome de tratamento de segunda pessoa com a forma verbal da terceira pessoa. Por exemplo:
- Xi, Pepino! Você é ainda muito criança. **Tu é** ingênuo, rapaz. (texto 2, linhas 47 e 48)

5. O pronome *vós*, comum em textos cerimoniais e no discurso religioso, é bastante raro na linguagem corrente atual. Por exemplo:
Ensinai-me, Senhor, a fazer a **vossa** vontade, só porque **vós** sois Deus meu e porque a **vossa** vontade é **vossa** (*Bíblia*).

Imagem 4: Livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação*
Fonte: (FARACO; MOURA; MARUXO JUNIOR, 2011, v. 3, p. 134).

Nessa parte da obra, identificamos três demonstrações de uso linguístico revestido de um olhar sociolinguístico por parte dos autores, ao evidenciar certas comparações entre a variedade padrão e determinados usos pronominais recorrentes na variedade linguística dos falantes. No primeiro caso, verificamos a demonstração da substituição do pronome de segunda pessoa *tu* pelo pronome de tratamento *ocê*, que assume o caráter de segunda pessoa do discurso, usual para o falante brasileiro. No segundo caso, percebemos a combinação do pronome de segunda pessoa *tu* com verbos flexionados na terceira pessoa do singular, emprego comum ao falante brasileiro em diversas regiões do país. No terceiro caso, os autores ressaltam a raridade do emprego de construções linguísticas com o pronome *vós*, predominantemente empregado em textos religiosos e cerimoniais. Nesse sentido, podemos constatar que não se trata de prescrições das regras para um falar idealizado regido pela gramática normativa, mas são apresentadas descrições de usos linguísticos em diversas

situações. E assim, a prescrição linguística cede lugar à descrição de usos recorrentes na língua do falante brasileiro.

Abordagens como essas representam indícios de que a variação vem sendo paulatinamente valorizada no ambiente de ensino/aprendizagem e que alguns manuais didáticos vêm mostrando melhor o funcionamento da língua, com base no princípio das variações linguísticas. Porém, cabe salientarmos que, se o professor não possuir o conhecimento teórico em relação a esse assunto, de nada valerão iniciativas como essas voltadas para o tratamento da variação linguística no LD.

Em toda nossa análise, há um ponto bastante interessante a ser considerado: são as orientações ao professor que seguem no decorrer de todo o manual docente. No Volume 3 da obra, especificamente, destacamos as orientações fundamentadas pelo olhar da Sociolinguística. Os autores compreendem que é necessário chamar a atenção do professor para o caráter heterogêneo da língua, para os diversos usos linguísticos que fazemos e para a importância de reconhecermos que a língua é variável, além dos vários empregos em situações de comunicação formal e informal. Essas orientações encontram-se destacadas no livro do professor na cor azul, nas laterais inferior e/ou superior. Não se trata de comentários apenas, no que diz respeito às atividades, mas também na apresentação de conteúdos, com enfoque para o caráter do uso oral e informal da língua, como podemos observar a seguir:

2d) Professor(a), aceite as respostas dos alunos, problematizando-as. O importante é que, ao compartilhar com o grupo as respostas, você os ajude a perceber que, no texto, emprega-se o pronome *te*, da segunda pessoa do discurso, para fazer referência ao mesmo leitor que leva o enunciador a usar pronomes de terceira pessoa do discurso para concordar com o pronome de tratamento *você*. Essa mistura da segunda com a terceira pessoa é muito corriqueira na linguagem coloquial relaxada empregada em diversas regiões do Brasil.

2d) Professor(a), aceite as respostas dos alunos, problematizando-as. O importante é que, ao compartilhar com o grupo as respostas, você os ajude a perceber que, no texto, emprega-se o pronome *te*, da segunda pessoa do discurso para concordar com o pronome de tratamento *você*. Essa mistura da segunda pessoa com a terceira é muito corriqueira na linguagem coloquial relaxada empregada em diversas regiões do Brasil.

Imagem 5: Livro *Língua Portuguesa: linguagem e interação*
Fonte: (FARACO; MOURA; MARUXO JUNIOR, 2011, v. 3, p. 10).

Tomando como base as inserções das orientações ao professor a respeito das variações linguísticas, isso pode significar, nas palavras de Silva (2005, p. 80), que “já se criaram, se não pontes, pelo menos alguns suportes”. Essas inserções favorecem um maior respeito pelo saber linguístico, pela variação que traz o indivíduo ao ingressar no sistema de aprendizagem

da escola, como também possibilita, no processo pedagógico, refletir sobre as inúmeras necessidades comunicativas que a sociedade apresenta.

É importante possibilitarmos momentos de reflexão sobre a língua e o seu real funcionamento, considerando que as variedades linguísticas devem integrar o Programa de Ensino de Língua Portuguesa, inserida na proposta de ensino/aprendizagem e no próprio livro didático. Afirmamos que, como destaca Dionísio (2005), mencionar a existência de variedades linguísticas não é sinônimo de respeitá-las; é necessário que estigmas sejam desfeitos, preconceitos sejam quebrados e que analisemos os enfoques dados ao tema e à concepção de ensino que cada livro traz consigo.

Nessa perspectiva, reivindicamos uma postura conjunta dos autores dos livros didáticos e do professor em relação ao ensino de Língua Portuguesa. E reclamamos a necessidade de o professor assumir a posição de constante mediador do conhecimento. Que o professor de Língua Portuguesa possa colocar em prática o que os aportes teóricos da Sociolinguística afirmam a respeito dessa problemática.

Nessa concepção, como professores de Língua Portuguesa, devemos nos conscientizar de que a língua não é homogênea e de que o normal está exatamente na heterogeneidade. É urgente entendermos que a variação torna o indivíduo capaz de compreender a sua relação linguística com o mundo e que, ao estudarmos as variedades padrão e não padrão, possamos superar as necessidades inerentes à comunicação e perceber a dependência positiva estabelecida entre ambas.

Destacamos que objetos de conhecimentos como concordância e regência estruturais e funcionais da língua ainda têm sido postos de forma a desconsiderar as variações, explorados pela gramática normativa de forma totalmente descontextualizada da realidade dos falantes e que se tornam objetos de conhecimentos de difícil apreensão por parte dos estudantes. No entanto, para isso, é necessário, como professores, conhecermos de fato o funcionamento e a estrutura da língua e assim, por meio da junção gramática normativa e Linguística, ampliarmos, efetivamente, a competência comunicativa e a adequação linguística de nossos alunos.

Cabe destacarmos que, embora tenham sido apresentados diversos pontos positivos sobre o tratamento da variação linguística, a obra analisada poderia ter explorado, nas orientações para o professor, um estudo mais detalhado sobre questões sociolinguísticas voltadas para práticas de ensino, que pudessem de fato transformar as variações da língua em objetos de conhecimento por parte do professor levando-o a instigar e a valorizar, na sala de

aula, o contato com os múltiplos falares dos estudantes. É importante que ao professor seja dada a oportunidade de pensar a gramática e a variação linguística como complementares, pois isso contribuirá para o professor em seu ensino e, conseqüentemente, contribuirá para os alunos em sua aprendizagem.

Estudar as muitas variedades da língua é de extrema importância para que o aluno forme a consciência linguística voltada ao desenvolvimento da construção do saber e ative sua competência para compreender e respeitar os diversos falares existentes. Na verdade, não se trata de uma aprendizagem centrada somente na variedade padrão, postulada, muitas vezes, como a única forma *correta*, mas sim uma aprendizagem voltada a um processo outro que mostre as variadas mudanças por que passam a língua e as suas possibilidades de uso.

Considerações Finais

As análises deste estudo nos possibilitaram descrever um livro baseado em um programa e em uma metodologia que, aos poucos, vem incorporando as contribuições da Sociolinguística. Contudo, embora o livro analisado não se encontre calcado com exclusividade em um programa de ensino de língua materna com ênfase na variedade padrão, precisa rever muitos dos conceitos em relação ao uso da língua, sobretudo em relação às adequações formais e informais.

É necessário, sobretudo, trazer uma discussão mais ampla e apropriada sobre as variações linguísticas, com base nos fatores geográficos, históricos, sociais, etários, profissionais, grau de escolarização, dentre outros. Precisa também expressar uma preocupação com um ensino, cujas prioridades deverão ser verdadeiramente as práticas de escrita e leitura, alicerçadas no funcionamento da língua.

A impressão que temos é a de que em se tratando da incorporação das pesquisas e teorias linguísticas ao âmbito escolar, ao ensino de Língua Portuguesa e ao livro didático, ainda devemos enfrentar um longo percurso, cujas mudanças, muitas vezes, apenas ensaiaram aparecer. Entretanto, apesar de não estarmos em uma situação satisfatória de ensino da Língua Portuguesa, percebemos, por parte dos autores, a tentativa de adequar o livro aos princípios da heterogeneidade linguística, evitando empregar palavras como *correto* e *errado*, ao tratar dos usos linguísticos por parte dos falantes brasileiros.

Enfatizamos, porém, que para haver de fato mudanças nos paradigmas atuais do ensino de Língua Portuguesa, é preciso que o professor, como um dos protagonistas desse processo, também busque conhecimento sobre as novas concepções de língua e procure

analisar e selecionar criticamente os livros didáticos. Contudo, salientamos que, sem uma boa formação ou conhecimento sólido por parte do professor, qualquer livro didático, por mais bem elaborado que seja, não vai influenciar nesse processo de ensino/aprendizagem. O livro não pode constituir-se na única fonte de consulta e pesquisa na sala de aula, tanto pelo professor como pelo aluno.

Referências

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BATISTA, A. A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático. In: ROJO, R.; GOMES, A. A. (Orgs.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

BORTONI-RICARDO S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica MEC/SEB/FNDE, 2011a.

BRASIL. *Programa Nacional do Livro didático: PNLD 2012: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica MEC/SEB/FNDE, 2011b.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem*: Revista Eletrônica de Linguística, Uberlândia, v. 04, n. 02, p. 01-22, 2º semestre 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618/6863>>. Acesso em: 01 set. 2013.

COELHO, P. M. C. R. *O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português*. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2007.

DIONÍSIO, A. P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, C. E.; MOURA F. M. de; MARUXO JUNIOR, J. H. *Língua Portuguesa: linguagem e interação*. São Paulo: Ática, 2011.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis–RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, M. R. de. Preconceito Linguístico, variação e o papel da universidade. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*, Niterói, n. 36, p. 115-129, 2008. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/images/stories/edicoes/36/artigo6.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

_____. *Aceitam tudo*. Terra Magazine. Blog do Sírio. 20 de maio de 2011. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2011/05/20/aceitam-tudo/>>. Acesso em 23 jan. 2013.

RAMOS, H. Língua Portuguesa. In: AGUIAR, C. A. de et al. *Por uma vida melhor*. Educação de Jovens e Adultos. Volume 02. 7º Ano. Multidisciplinar. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS SOBRINHA, C. S.; MESQUITA FILHO, O. P. de. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula?. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, São Paulo, v. 4, n. 4, p.1-10, jun.-ago. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35537/38256>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SILVA, R. V. M. e. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VIEIRA, S. R. *Variação Linguística, texto e ensino*. Revista (Con) Textos Linguísticos, Vitória, v. 03, n. 03, p. 53-77, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5139/3858>>. Acesso em: 09 set. 2013.